

Michelle Baldini

Entre a França e a Suíça—Glacier Le Tour



Travessia Chamonix - Zermatt



Picos da Europa, parte II
Novo Diretor Social do CERJ
Festa de fim de ano no clube



2010, UM ANO DE MUITAS REALIZAÇÕES NO CERJ

Tivemos um ano bem movimentado; tanto no que diz respeito às pranchetas oficiais como as extraoficiais, além de várias conquistas de novas vias realizadas por alguns dos nossos sócios.

Na categoria de eventos oficiais programados pelo clube, entre março e abril tivemos nosso CBM, que contou com uma turma completa e um convidado do PNT.

Ainda em abril tivemos uma travessia Lapinha x Tabuleiro em conjunto com nosso coirmão mineiro CEM, além das pranchetas de excursões normais, algumas bastante concorridas como concentração no PNSO, mesmo sob chuva, e a excursão na Ilha Grande. Também tivemos diversas concentrações em paredes de escalada ao longo do ano. Ainda tivemos programações extras, como os dois TAR?s (Treinamento de Auto Resgate), realizados respectivamente em fevereiro e em maio: o primeiro sob a direção do Felipe Ednei e o segundo sob inteira responsabilidade do Departamento Técnico. Também em maio, realizamos uma palestra sobre a utilização dos equipamentos móveis de escalada que foi ministrada pelo Júlio e uma demonstração da prática apresentada pelo Pedro Bugim nas Painelras. Em julho, tivemos a palestra do Júlio sobre o apaixonante assunto do Primeiro de Cordada.

Em agosto, aconteceu a projeção de fotos da travessia Chamonix x Zermat (França x Suíça) realizada pela dupla Michelle Baldini (CERJ) e Carlos Alexandre (CEP) e também a palestra do Bernardo Issa, diretor do PNT sobre o parque. Em setembro, promovemos um Curso Básico de Emergência em Ambientes de Montanha coordenado pelo Ian Will. Em outubro, recebemos André Ilha que ministrou uma excelente palestra sobre os aspectos técnicos e filosóficos de conquistas de vias de escalada. Em novembro, mais uma projeção de fotos. Desta vez, sobre as escaladas do trio Júlio, Maicon e Cris Jorge na Espanha. Em dezembro, aconteceu o curso de primeiro de cordada ministrado pelo Júlio.

Além do relatado acima, ainda tivemos a participação de Cerjenses em excursões extra clube nas montanhas da Argentina, do Peru, da França, da Suíça, e da Espanha, além é claro de outras pelas nossas terras como Dedo de Deus, Agulha do Diabo, Coroa do Frade, travessias Terê x Petro, estas no PNSO, e várias vias em Salinas, em Minas Gerais e no nordeste do país, e mais a já tradicional Cunha x Parati de todo mês de novembro.

A diretoria do CERJ e o DT em especial, agradece a todos que contribuíram neste ano para o engrandecimento do nosso clube, seja doando seu tempo e saber para ministrar as aulas teóricas do CBM; dando palestras; aos guias em atividade que contribuíram para a formação de mais uma turma de escaladores; àqueles que se aventuraram em conquistas diversas aumentando assim o leque de opções desta atividade; aos que abrem pranchetas; e, é claro, também àqueles que participaram das excursões, pois sem participantes nada acontece.

Obrigado a todos.

José de Oliveira Barros

EXPEDIENTE 2011

Presidente:

Gustavo Iribarne

Vice-Presidente:

José Carlos Muniz Moreira

Secretária:

1- Miriam Gerber

2- **Márcia D'Ávila**

Tesoureiras:

1- Moníca Esteves

2- Karina Mota

Diretor Técnico:

José de Oliveira Barros

Supervisão Técnica:

Henrique Menescal

Rafael Villaça

Diretor Social:

Roberto Schmidt

Auxiliar Dir. Social:

Salomyth Fernandes

Diretor de Ecologia:

Carlos Carrozzino

Diretor de Divulgação:

Luiz Antonio Puppim

Conselho Deliberativo

Presidente:

Nino Bott de Aquino

Conselho Fiscal:

Maria Genoveva Von Hubinger

Jana Menezes

Iara Anibolette

Boletim Informativo do CERJ

Diagramação: Waldecy Lucena

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Escalar é um esporte de risco.

CBM - CURSO BÁSICO DE MONTANHISMO

Prezados(as) amigos(as):

O nosso CBM 2011 já tem dia para começar: 14 de março de 2011, data na qual o Waldecy dará sua aula de História do Montanhismo.

Historicamente a maior parte das nossas turmas é preenchida com alunos que chegaram ao CERJ indicados pelos próprios sócios do clube.

Está na hora, portanto, de divulgarmos o CBM para parentes, amigos e conhecidos, para, mais uma vez, lotarmos a turma.

As inscrições já estão abertas.

Outras informações no site do CERJ ou através do e-mail
cerj.cbm@gmail.com

Rafael Villaça
Coordenador CBM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Janeiro

- 01 – Marcela Campista Borges
Nilton Campos Soares Filho
- 11 – **Verônica Maria da Rocha**
- 12 – Rodolfo Mariano Loureiro
- 13 – Roberto Schmidt de Almeida
- 15 – Rafael de Paiva Ferreira
- 19 – Rodolfo de Araujo Moreira
- 20 – Anthony David Adler
- 21 – Leonardo Arantes Guerra
- 22 – Juliana Maria Fell
- 23 – Michelle Barros A. Baldini
- 24 – Armando Dias Stamile Soares
- 25 – Layla Carrozino
- 27 – Claudio Eduardo Aranha
- 28 – Salomith Fernandes
Felipe Fonseca de Medeiros
- 31 – **Gustavo Gonçalves Moulin**

Fevereiro

- 04 – Ronaldo Bahouth Junior
- 09 – Gabriela Marques de Melo
- 14 – Gustavo Diniz Oliveira
Eliane Vale da Costa Braga
Maria Marineth H. Macedo
Myrian C. Jourdan
- 16 – **Sebastião Francisco Lima Filho**
- 19 – Marcelo Henrique Knust Rolim
- 21 – Ronaldo Wyn Wegner
- 22 – Marcelo Firmino dos Santos
- 23 – Daniel Filisberto Schulz
- 25 – Ricardo Del Castilho
- 26 – Arthur Costa da Silva
- 27 – **Célia Schiavo Netto**
Gerardo Rodolfo Schultz
Marcella Schiavo

Haute Roade

Travessia Chamonix-Zermatt

Por Michelle Baldini



Chegamos de manhã cedo em Madrid e ficamos um dia por lá conhecendo a cidade, pois nosso voo para Geneva só sairia à noite. Em Geneva, cama, banho e no dia seguinte partimos de van para Chamonix. A toma-se a van ao lado do aeroporto pelo preço de 25 euros por cabeça.

1h e 30m depois e...voilà, chegamos a Chamonix! Um pequeno vilarejo, limpo, completamente florido, lindo. Um lugar realmente sensacional. Descansamos e no dia seguinte fomos a Agguille di Midi de teleférico. Um passeio interessante, bom para se fazer com a família. De teleférico chega-se a 3000 metros e é possível ver um grande glaciar, sem fazer esforço algum. Nesse passeio existe a possibilidade de ir de teleférico até Comaier na Itália.



Dia 25, dia de começar a travessia. Pegamos um ônibus para Le Tour onde inicia-se o Treking. Vale à pena abrir um parêntese para comentar acerca do transporte público de lá. É um pouco diferente do daqui. Na Suíça, dentro do próprio ônibus, é possível comprar bilhetes para qualquer lugar do país, seja ônibus, seja de trem. Os motoristas são sempre bastante educados e demonstram interesse em saber para onde você está indo, se certificando que você está no transporte correto. Eles dirigem devagar e com muita tranquilidade. Os horários são religiosamente cumpridos; nosso ônibus deveria passar no ponto às 10h24min e exatamente nesse horário ele chegou! Chegamos, tomamos um teleférico e em seguida iniciamos o Treking. Sobe-se até o refúgio Albert Premier pelo Glaciar Le Tour. O primeiro dia da travessia é o mais tranquilo, e, em minha opinião, o único. Duas horas subindo e chegamos ao Refúgio.

Nossa meta diária durante todo o treeking sempre era chegar ao refúgio. Ao chegar ao Albert Premier (e em todos os outros refúgios) deve-se deixar a bota (que não está suja, mas molhada) na entrada onde há um local intermediário para retirada da bota e colocação de um tipo de sapato ou sandália, fornecidos pelo abrigo. Eles possuem todos **(sim, todos) os números disponíveis! Não há** necessidade, portanto de levar sandálias na mochila (levei peso à toa). Todos os abrigos são extremamente limpos, possuem café da manhã e jantar de excelente qualidade (as duas refeições são chamadas conjuntamente de *Demi-pension*, que significa meia-pensão). Possuem ainda cardápio a parte caso o montanhista deseje comer algo antes do jantar, como um doce, omelete além de suco, refrigerante, cerveja. Além disso, possuem camas com lençóis, edredom e travesseiro limpos (SIM, LIMPOS).

Antes de iniciar o treeking não acreditei nessa



Refugio Chanrion

conversa de limpeza e acabei levando meu saco de dormir e, sob minha influência, Carlos acabou levando o dele também (mais peso a toa). Caminhamos durante a travessia com uns 10 a 12 quilos na mochila; muita roupa para frio, saco de dormir, sandália, comida (que comprávamos nos refúgios), anorak, casaco de neve, primeiros socorros, grampons, piolet, equipo completo de escalada e outras cositas. Ou seja, se tivéssemos deixados as coisas inúteis teríamos deixado e carregar quase 10% do peso que levamos. Mas sempre serve de experiência.

Para realizar esta travessia é necessário ter disponível pelo menos sete dias. Cada noite dorme-se em um abrigo diferente. Todos os refúgios (que ficam no meio do nada, ou melhor no meio de tudo que precisamos) são providos por helicópteros que levam o

necessário para o abastecimento e retiram o lixo (que é enviado para reciclagem após coleta seletiva).

O primeiro abrigo (na França) é administrado pelo CAF (clube alpino Francês) e os outros, já na Suíça, são administrados pelo Clube Alpino Suíço. Todos, conforme falado, são hotéis cinco estrelas! Começar a exigente caminhada diária sabendo que quando chegássemos ao refúgio teríamos cervo, rango bom, cama quente e cheirosa dava um ânimo a mais para iniciar o longo e exaustivo dia.

Bem, vamos ao treeking propriamente dito: Tínhamos um plano B em caso de mal tempo, pois como a região não nos era familiar, não queríamos entrar em nenhum glaciar com o tempo ruim. Levamos uma espécie de "dossiê" que Carlos montou previamente, com fotos, anotações e o mapa. Não, não levamos GPS Hahaha.

Mesmo amparados pelas prévias informações não queríamos arriscar e caso o tempo fechasse e tivéssemos que passar por algum glaciar neste momento, desviaríamos o caminho. Não precisamos desviar pois tivemos bastante sorte e pegamos tempo realmente bom durante todo o trajeto.

Essa travessia inicia-se em Le Tour França e termina em Zermatt na Suíça. Do



Interior do Refúgio Les Vignettes

refugio Albert Premier, como já mencionado, atravessa-se o glaciar Le Tour, depois o glaciar du Trient e já sai numa cidade Suíça chamada Champex. Esse trajeto é também bastante interessante, pois se chega à cidade (é obrigatório passar pela cidade) por um teleférico. Esta parte do trajeto consiste em dormir em Champex e no dia seguinte, durante a primeira metade do dia (e somente neste dia) é necessário tomar um ônibus de Champex para Sembrancher, um trem para Orsieres e um ônibus para Mauvoisin chegando à

Champex para Sembrancher, um trem para Orsieres e um ônibus para Mauvoisin chegando à Represa de Mauvoisin onde finalmente continua-se o treetking.

Mais algumas horas caminhando numa trilha cheia de flores, muitas flores, cada uma mais linda que a outra, chegamos ao refúgio Chanrion, que tem um visual magnífico!

O dia que pra mim foi o mais difícil foi esse de saída do Chanrion e chegada ao Les



Descida Refúgio Bertol

Vignettes, terceiro dia de travessia. Todo o trajeto é super bem sinalizado, mas este em especial não dava pra se orientar bem. Erramos o caminho e perdemos 40 minutos nessa brincadeira. Esse tempo perdido era precioso, já que iríamos entrar logo logo em um imenso e meditativo glaciar; E nele enfim entramos. O glaciar de Ottema. Branco, frio e nada receptivo. Tivemos a impressão de andar, andar, andar e simplesmente não sair do lugar. Já estávamos nele há horas e nada acontecia, nada mudava. Não fiquei preocupada, porque acreditava que estávamos no caminho certo mas fiquei cansada, muito cansada.

Como tivemos que caminhar bastante antes da entrada no Glaciar e ainda perdemos aqueles 40 minutos, pegamos o gelo em péssimas condições. Neve fofa é muito ruim

pra caminhar e dependendo das condições (sol, calor, vento) o pé afunda até quase na cintura. Ai, meu amigo, é só andar como se estivesse em areia movediça! Depois de umas 9 horas nessa brincadeira, finalmente vimos de longe, bem de longe, o refúgio Les Vignettes. Ufa! Pelo menos estamos no caminho certo! Ainda tivemos que caminhar umas quase 2 horas até chegar ao oásis.

Ao chegar, nos deparamos com um refúgio MARAVILHOSO! Tem que ir pra ver.

Para se caminhar em glaciar é muitíssimo importante sair o mais cedo possível, pois neste horário o gelo está em ótimas condições, duro e perfeito para caminhar com grampons. Em longas travessias em glaciares, portanto em algum se pega o gelo fofo. Desta forma, para não perder o equilíbrio, deve-se caminhar com o calcanhar mais forte na descida e a ponta do pé mais firme na subida. Chutar o gelo como se estivesse escaldando. É desta maneira que se consegue chegar ao Refúgio Bertol, que tem uma fantástica vista do Matterhorn.

Além das cidades que são percorridas pelo Treetking aproveitamos para conhecer algumas outras cidades na Suíça. Uma delas foi Zermatt aonde se chega caminhando ao final da travessia. Vale muito a pena conhecê-la bem. É nesta cidade que está localizado o Museu do Matterhorn que conta toda a história do montanhismo, possui uma mostra de equipamentos antigos e sua conseqüente evolução e é tudo original! Um equipamento que muito me marcou foi a corda que arreventou e matou quatro pessoas na conquista do Matterhorn em 1865. Simplesmente demais!

Depois de dois dias em Zermatt voltamos a Chamonix de trem. No dia seguinte fui conhecer outras cidades, e continuar a gastar meu francês, enquanto Carlos continuou a empreitada e fez algumas escaladas na região. Escaladas estas que espero fazer, mas num outro momento, com mais experiência e preparo.

Valeu galera! Carpe Diem!

Michelle

**CHURRASCO DE 72 ANOS
DO CERJ. NÃO PERCA!!
DIA 15 DE JANEIRO
NO BOM RETIRO**

De volta a Valladolid, comecei a preparar a logística para o retorno a Picos. Dessa vez o Kike não iria, apenas eu, Maicon e Cris, que já estavam em Madrid e logo chegariam em Valladolid para me encontrar. Aluguei um carro, que foi crucial no êxito de nossa jornada. Além disso, fiz a nossa reserva do abrigo e consegui todos os croquis e mapas para que pudéssemos chegar ao nosso objetivo. Não posso esquecer também do GPs que comprei - **"Fernandinha"**, que foi fundamental na orientação das estradas; ganhamos muito tempo com isso.



Júlio, Cris Jorge e Maicon - Naranjo - Rabada e Navarro

No dia 13/08, quase a noite, Maicon e Cris chegaram a Valladolid. Arrumamos tudo, mochilas com equipo, roupas e comida, para no dia seguinte zarparmos o mais cedo possível, com destino a Picos. Embora a passagem em Potes fosse desnecessária para chegarmos a Picos, já que dessa vez estávamos de carro, fiz questão de mostrar essa cidade aos amigos, que realmente a adoraram. Aproveitamos e compramos alguns guias de escalada complementares.

Saímos de Potes rumo a Sotres, onde deixaremos o carro estacionado e começamos a subir a trilha em direção ao refúgio Urriello.

Chegamos ao estacionamento por volta de 20h, mas como lá na Espanha só estava anoitecendo às 21h50, ainda tínhamos **1h30 de luz pela frente. A trilha é bem frequentada e não tivemos dificuldade de achar a entrada. Seguimos sempre por um caminho bem óbvio, com o risco mínimo de se perder. Na placa que indicava o início da trilha, a estimativa de tempo era de 4h30 de caminhada. Ficamos preocupados inicialmente, pois com esse tempo de percurso chegaríamos muito tarde no abrigo, o que poderia comprometer a nossa escalada do dia seguinte. A caminhada**

é bem constante, com alguns trechos um pouco mais íngremes, mas nada que seja impeditivo para um bom desempenho. Quando chegamos ao refúgio, estava um nevoeiro bastante forte e a temperatura estava baixa. Entramos para nos abrigarmos do frio e olhamos no relógio. Vimos que tínhamos feito a caminhada em torno de 2h30.

Bebemos uma sopinha quente para dar uma esquentada e saímos do refúgio para tentar observar a paisagem, mesmo com toda aquela névoa densa. De repente, a neblina abre e eu tomo um susto com aquela muralha de rocha vertical de quase 600m de altura na minha cara. Dava até vertigem ficar olhando para cima tentando ver o final da parede.

Chegamos no refúgio por volta de 22h30 e descobrimos que o jantar era até às



Júlio, Naranjo de Bulnes - Sagitário

22h. Mas, a sorte estava do nosso lado: o refugueiro, Tibo, da Argentina, conhecia o Serginho Tartari lá de Chalten e logo fizemos amizade com ele, que quebrou um super galho em servir o jantar pra gente mesmo fora do horário. O chefe do refúgio, o Tomás, que era casado com uma brasileira, foi muito receptivo com a gente e nos ajudou muito ao longo de nossa estadia no refúgio.

O refúgio é muito amplo e bem equipado, com um grande refeitório, armários gradeados, muitas acomodações e banheiro, porém, não tem banho. Água potável é possível numa fonte que existe ao lado do refúgio. Aliás, é bem comum na Espanha essa fontes nos lugarejos e pueblos.

A gente ainda estava meio na correria, pois queríamos dormir logo para escalar no dia seguinte. Arrumamos tudo e fomos

toquei até a 5ª enfiada, onde passei a ponta da corda para o Maicon, que tocou até o cume. Mesmo sendo uma cordada de 3 na configuração em "A", escalamos bem rápido e tivemos o prazer de estar no cume do Naranjo logo no primeiro dia de escalada.

Voltamos pro abrigo relativamente cedo e o refugueiro que tinha nos zoadado veio perguntar se agente não tinha escalado, pois tínhamos chegado muito cedo ao abrigo...



Face Oeste do Naranjo

dormir meio tarde. No dia seguinte, claro que acordamos tarde! Tomamos o café da manhã, que é servido de 7h às 9h e depois fomos arrumar os equipos para escalada. Saímos (Cris, Maicon e eu) quase às 10h30, bem tarde, o que nos custou uma zoadada de um terceiro refugueiro, que falou que já estava tarde para escalar, meio que debochando do nosso horário de saída. Pegamos algumas dicas com o Tibo para chegar na face leste e também umas dicas da localização da via "Amistad con el Diablo 5+/6a" – 10 enfiadas. Fizemos a caminhada pela moraina. Embora um terreno um pouco diferente para nós, fizemos a caminhada bem rápida, da face oeste (onde estava o refúgio) até a face leste (base da via). Mesmo sendo face leste (no verão, significa sol na parte da manhã), estava muito frio. Escalei o tempo todo com quatro camadas e gorro. Comecei guiando a via e

No segundo dia, os três já acordaram dentro da normalidade do horário (rsrsrs). Escolhemos uma via na face oeste - "Sagitário" 8 enfiadas - 6b. Uma bela linha bem vertical num estilozinho Salinas, proteção mista, delicada e bem espaçada. Dessa vez foi o Maicon que abriu a via, guiando belamente a exposta 1ª enfiada. Fomos revezando uma a uma até o final. Vários lances estéticos, bastante variados: agarras, aderência, diedro, negativo.

O terceiro dia era o dia de entrar na tão esperada e mítica "Rabada e Navarro", uma ultra clássica de Picos de Europa e da Espanha. São 23 enfiadas que percorrem toda a face oeste da montanha, seguindo a linha natural da parede. Escalada tradicional, bastante comprometida, com os mais variados tipos de proteções (piton, ponte de roca, chapeleta, buril, móvel). Acordamos às 6h, toma-



Reinaldo Bhenken e Karina

Costão do Pão de Açúcar



Costão



Inva



Pedra Bonita via Grotão

Show e Anna



Viúva Lacerda



Wal, Pedro e Velho



ão do Pão de Açúcar



Invasão Viúva Lacerda



asão Viúva Lacerda



Festa de Fim de Ano

mos o café na cozinha junto com os refugueiros (foi uma quebrada de galho e tanto por parte deles) e fomos pra parede. Às 7h, estávamos entrando na via. Estava muito frio e mesmo com as minhas 4 camadas dava pra sentir aquele incômodo gélido. Tínhamos combinado, assim como na "Amistad", de um começar guiando, levar até a metade e o outro assumir e levar até o final. O Maicon começou guiando a via e tocou até a nona enfiada - "Tiros de La Torca" - um grande platô onde se pode ficar confortavelmente parado. Eu assumi a guiada nesse ponto e estávamos com dúvida pra onde seguia a via naquele ponto. Toquei num diedro ligeiramente à esquerda, escalei bastante coloquei um nut, toquei um pouco mais e não via continuidade na via. Fui um pouco mais à esquerda e nada, coloquei outro nut,

toquei mais um pouco e nem sinal de continuidade da via, mas nisso já havia estimado +- uns 40m. A opção era desescalar mesmo. Falei pro Maicon, "vai recolhendo que eu tô voltando". Fui desescalando devagar retirando a proteção que havia colocado, ficando na merda em alguns lances (rsrsrsr), mas continuei a desescalar até voltar à parada. Ficamos naquela indecisão para onde tocar. O Maicon resolveu ir radicalmente para a direita, contornando tipo um totem. Tocou uns 50 m e achou uma parada, só que era a maior roubada. Uma parada de um pítón e um buril, cheia de cordelete velho tudo embolado, com um último backup com cordelete novo que alguém já havia errado ali também recentemente. Lá de cima, avistamos que a nossa via fazia uma grande horizontal para a esquerda e que teríamos que descer pra lá. Resolvemos rapelar naqueles cordeletes mesmo. Rapelamos até uma chapa boa. Eu e Cris ficamos numa, e o Maicon foi para uma mais à frente. Tocamos um pouco mais na via e vimos que era hora de voltar, Chegamos na 14ª enfiada



Visual do Cume Naranjo

que cruza com a via "Murciana" e dali montamos o rapel de descida. No dia seguinte, resolvemos tirar folga para descansar e replanear a nossa escalada. Acordamos tarde, tomamos café, passeamos na base das vias; ócio total, muito bom isso... rsrsrsrsrs.

Olhamos detalhadamente o croqui, tiramos fotos da parede com o zoom, tiramos mais dúvidas com o Tomás e o Tibo, e estávamos convencidos de saber o caminho correto. Então, decidimos voltar na "Rabadá" no dia seguinte. Às 6h da manhã, os três acordaram, mas tinha um porém, estava um vento pata-gônico de bater as janelas e assobiar. Eu falei: "Não saio da cama nem fu..." rsrsrsrsrs A Cris e o Maicon concordaram e dormimos até às 8h. Acordamos (de novo), tomamos um café meio tarde, bem no estilo do primeiro dia, e

resolvemos fazer uma via muito interessante na face sul, conquistada pelo Tino Nunes - "Pecadillu" - 8 enfiadas - 6b+/6c. A via é muito interessante, com trecho de agarras, desplomes (negativo), canaletas (tipo tubos de órgão), aderência, chorreras (pega de pinça). Via bem técnica, com um

certo grau de exposição, com proteções mistas, bastante estética. Maicon abriu a primeira enfiada. Em seguida, fomos revezando até o final da via. Mais uma vez fizemos cume no Naranjo de Bulnes. É importante ressaltar que o rapel é sempre feito pela face sul, pois é a melhor opção da parede.

Voltamos cedo para o abrigo e preparamos as coisas para o dia seguinte. Duas duplas também iriam entrar na "Rabadá". Os caras vieram conversar com a gente e o Tibo deu uma força pra que a nossa cordada, embora de 3, fosse a primeira a entrar na parede. Os caras eram gente fina e aceitaram de boa. Então, no dia seguinte, o mesmo ritual: acordamos à 6h, frio da p..., café na cozinha, e às 7h estávamos entrando na via. Logo em seguida chegaram as duas cordadas...

Continua na próxima edição...

Minha Primeira Atividade na Diretoria Social do CERJ

Durante a excursão à Ilha Grande o Zé Barros (DT) me perguntou se eu não estaria interessado em dar uma ajuda na área social do CERJ. Eu respondi que ainda era vice-presidente do CEG, mas que iria entregar o cargo no final do ano, quando da renovação da atual diretoria do CEG. A partir daí então poderia pensar em atuar na diretoria social do CERJ.



Roberto Schmidt, cume do Cocanha, 2009

Ao pensar sobre a questão de minha relação entre o CEG (que ingressei em 1966) e o CERJ (que ingressei em 1968), lembro que sempre fui cercado por montanhistas que frequentavam os dois clubes e que participaram de grandes conquistas pelo CERJ. Meu primeiro contato com a montanha foi através do Gustavo Montenegro, que era o DT do CEG, mas já havia sido guia do CERJ e foi um dos conquistadores do Paredão Baden Powel. Depois fui companheiro do Waldinar (Vavá), também participante dos dois clubes e do Thiers Meireles (já falecido) que também frequentava os dois. Em 1968, Harald (atualmente residindo em Bariloche) e Helena (já falecida) também participaram das atividades de ambos, com o Harald assumindo a coordenação da primeira escola de guias do CEG, da qual fui um dos alunos. Portanto, para mim, a relação entre o CEG e o CERJ sempre foi forte e nunca senti as clássicas picuinhas que geralmente aconteciam entre participantes de clubes de montanha.

Os únicos que não participavam ativamente do CEG, mas tinham uma boa relação com os montanhistas de lá eram Minchetti e José Luiz

(ambos já falecidos), com esses cerjenses fiz grandes escaladas e caminhadas no PNSO, Três Picos e Itatiaia.

Ao retornar sistematicamente ao montanhismo em 2004, continuei fazendo a ronda nos dois clubes e lá reencontrei antigos companheiros como Salomith, Carrozino e Pelegrini no CERJ, e Suelly, Montenegro, Yolanda e Dacran no CEG.

Novos amigos foram sendo agregados em ambos os clubes, além de outros como o Carioca (Kate, Bula e Tadeus), Ligth (Hernandes), o de Niterói (Leo Nobre) e o de Belo Horizonte (com o filho do Carrozino). Figuras emblemáticas como Sávio e o Mascarin também passaram a fazer parte das minhas aventuras nas montanhas. No CEG, Flávio, Luiz Alberto, Boris, Ivan, Seblen, Chico Saraiva, Giuliano, Mario Sena, Molicca, Ricardo Pena, Armando, Altair, Trindade, Xuxu, Fred, Lula, Play, Rodolfo, Alex, Eliel, Alexandre (Passa Logo), PJ, Gaúcho, Igor, Rodrigo, Jorge, Batman, Bacelar, Ulisses, Jano, Leonardo, Paulo Vitor, Ana Maria, Irini, Carlina, Nicole, Dione, Ana Lulu, Alfacinha, Elizete, Patrícia, Samara, Flávia, Monique, Barbara foram as pessoas com quem escalei e caminhei durante esses anos recentes. Além de ter conhecido pessoas incríveis como Bernardo Collares, Kika e André Ilha.

Espero encontrar no CERJ um número de companheiros do tipo que já conheço hoje, e com quem também já escalei ou caminhei: Zé Barros, Marcia e Rafael, Muniz, Iribarne, Puppín, Liane e Bugim, Bodão, Layla, Patrícia, Monica, JP, Dex, Wal, Velho (e Fubá), Jana, Miriam (Bamo, Bamo), Show, Marcia Aranha, Julio, Milena e outros que não consigo lembrar agora (já estou ficando velhinho...).

Essa longa introdução serviu para marcar a minha primeira atividade como Diretor Social no CERJ. O churrasco de aniversário de 72 anos do clube a ser realizado no dia 15 de janeiro de 2011 (sábado) no Bom Retiro (PNT). Infelizmente muitos de meus amigos estarão na Patagônia (Bariloche ou El Chaltén) fazendo o que todo montanhista gosta: "Só o cume interessa!!!" Mas os que ficarem por aqui poderão curtir as amizades e contar seus "causos de montanha"!!!

Portanto... todos ao Bom Retiro dia 15/01!
Contamos com vocês!

Roberto Schmidt

Parabenizo o CERJ pelo excelente boletim nº 645, de novembro e dezembro de 2010, em especial a reportagem sobre o Paredão Baden Powell, que considero um marco no montanhismo nacional. A conquista daquele Paredão significou o divisor do uso das técnicas predominantes nas décadas anteriores ao ano 1960. Foi a inauguração de uma nova técnica/filosofia de escalada, onde se privilegia a escalada livre, com um mínimo de pontos de apoio.

Na realidade a grande virada ocorreu a partir da conquista do Espigão Celinda, no qual houve a famosa queda do Waldo, da qual

fui testemunha ocular. Até o platô conhecido como Avenida Perimetral, as técnicas ainda eram a utilização de troncos para vencer os lances mais verticais. Pouco abaixo do Buraco do Urubu vivenciei umas das mais perigosas experiências de minha vida. Eu e Rodolfo

Kern estávamos suspendendo um tronco para ser utilizado nas conquistas acima. Eu estava abaixo do Rodolfo, montado no tronco, enquanto ele, acima, procedia as amarrações necessária para suspender a madeira mais poucos metros. De repente ele dá um grito para mim e diz: "Leuzinger, fique imóvel. Não se mexa." Espantado, perguntei por quê? Ele respondeu: "estamos pendurados, nós dois e o tronco, apenas em uma cunha. Vou providenciar outra cunha para melhor fixar o tron-

co, antes de batermos um grampo". Assim, eu fiquei imóvel enquanto ele colocava outra cunha bem devagar, evitando qualquer movimento que fizesse a única cunha que nos sustentava sair da fenda, o que nos levaria a uma queda até à base. Colocada a segunda cunha, ele bateu finalmente o grampo salvador. Talvez esta tenha sido a última (ou uma das últimas) ocorrências em conquistas com tronco da história do montanhismo. Daí em frente, os guias do CERJ inaugurariam a nova forma de escalada: a escalada totalmente livre.

Finalmente, peço para que o CERJ

faça uma correção: na relação dos conquistadores do Baden publicada às folhas 17 do Boletim, constam: Moacyr Mallemon, Carlos Brandão, Guilherme Ribeiro, Giuseppe Pellegrini, Harald Fredrich, Sérgio Bahia e Waldemar Guimarães (o Waldo). Três conquistadores não foram relacionados, a saber: Gustavo Montenegro, Rodolfo Kern e este



Norninha, Leuzinger, Zé e Wal após a escalada ao Dedo de Deus, abril de 2006. Foto: Claudio Leuzinger

escriba conhecido como Cláudio Leuzinger, conforme se pode verificar no Catálogo de Escaladas do Rio de Janeiro, publicação de 8 de agosto de 2006, de autoria de André Ilha e Lúcia Duarte. Infelizmente não encontrei a relação de conquistas e conquistadores do CERJ no site do Clube. Ficaria grato se fizerem a correção no próximo boletim.

Um forte abraço a todos.

Leuzinger.

No dia 12 de dezembro aconteceu a tradicional invasão do CERJ nas Aderências da Viúva Lacerda. Encontramo-nos às 7:00 horas. O dia estava quente e mesmo assim, a turma cerjense animada. Compareceram 14 pessoas.



Liane e Carrô

Eu já não escalava há alguns meses. Terminei o CBM em maio e por motivos de viagem e trabalho perdi muitas escaladas com a minha turma. Quando voltei, fiquei com medo de escalar por que sentia que havia perdido o preparo físico e psicológico. Sentia-me incapaz de escalar de novo, ficava com medo de escalar muito devagar e dar bastante trabalho aos guias. Depois de conversar com alguns amigos, fui encorajada a mudar de atitude e a parar de me preocupar



Galera nas vias...

em dar trabalho aos guias porque no início era assim mesmo. Convenci Leonardo a me levar para fazer top hope no Grajaú no fim de semana anterior e logo depois apareceu a prancheta da invasão. Quando vi a prancheta pensei: Será que dá para eu ir nessa? Mandei um e-mail para o Rafael explicando que gostaria muito de ir, embora estivesse com difi-

culdades para escalar. Ele como sempre de bom humor disse: "Deixa de onda e vamos embora? Carregar piano pela montanha acima é comigo mesmo!". Não sei se fiquei liasonjeada com a solicitude do amigo ou mais preocupada ainda, mas fui assim mesmo.

De certa forma, eu nunca tinha escalado em aderência, mas logo nos primeiros passos pela via Discreto Charme da Burguesia, eu fui ganhando confiança, avançando e vencendo a inércia do medo. Antes estava com um péssimo vício, só avançava quando encontrava uma agarra de mão e por isso essa escalada foi um ótimo exercício de confiança.

Agradeço muito aos amigos pelo incentivo e principalmente ao Rafael pela boa vontade e companheirismo. Já pude constatar diversas vezes que assim como outros guias do clube, Rafael deixa de escalar vias mais interessantes e difíceis para acompanhar um principiante em uma via mais fácil e ainda faz isso com muita alegria e disposição. Por isso, Rafael e aos demais guias do CERJ, o meu muito obrigado!

Muito animada para próxima prancheta,

Marcela Campista.



Pati Rocha e o Cristo Redentor ao fundo..

O Natal do CERJ foi realizado no dia 16/12/10 com muita alegria e festividade. A mesa estava recheada com muitas comidas e vinhos e a noite foi ainda brindada com a presença de pessoas importantes que estão sumidas do clube, como o nosso querido Reinaldo Benken, Fernando Fajardo, o velho, Solange Conde e muitos outros.

A Alegria que contagiou os amigos foi ainda mais prolongada com o nosso amigo oculto,

ora sorteado *on line* que foi motivo de muita gargalhada na hora da revelação dos esperados amigos.

Essa confraternização estava em perfeita sintonia e mostra mais uma vez que o CERJ teve um ano de 2010 com muita harmonia e montanhas!!!!

Que venha o ano de 2011 com muito mais alegria, excursões, festas, aprendizado e montanhas para todos os sócios cerjenses!!!



Ontem, dia 19/12/2010, terminou o Curso de Primeiro de Cordada oferecido pelo CERJ aos seus sócios e ministrado pelo Julio Mello em conjunto com outros guias do Clube. Acredito que o objetivo principal do curso tenha sido ensinar aos participantes práticas simples, mas que contribuem para minimizar os riscos que enfrentamos no nosso esporte. Como o Julio disse diversas vezes durante o curso, essas práticas visam afunilar os risco de acidentes.

O método de ensino aplicado no curso foi na minha opinião muito bom. A parte teórica dada no próprio CERJ nos dias 13 e 15 foi dividida em tópicos discutidos um a um e sem permitir que nenhum deles fosse encerrado sem antes todas as dúvidas serem esclarecidas. Para mim essa foi uma das chaves para o sucesso do curso, nenhuma dúvida deixou de ser explicada!

A segunda parte do curso, já objetivando a prática das novas técnicas aprendidas nas aulas teóricas, aconteceu na Urca nos dias 18 e 19. Nós alunos, fomos divididos em duplas e cada dupla revezou a guiada entre si, tendo um guia do clube como participante. Essa parte foi muito legal, pois além da oportunidade de guiar escaladores experientes, tendo toda a responsabilidade pela segurança

durante a escalada nos nossos ombros, alguns como eu puderam escalar com pessoas que ainda não tinham escalado.

Após este curso tenho certeza de que posso fazer uma análise muito melhor de cada situação durante uma escalada e a partir disso optar pela melhor prática para aplicar a esta situação me expondo ao menor risco possível.

Julio, Rafael, Zé, Jana, Daniboy e Pedrinho, a disposição que vocês tem para ensinar é muito legal e importante demais para cada um de nós. Seria muito difícil manter essa vontade de aprender que temos se vocês não se colocassem sempre à disposição para tirar nossas dúvidas como o fazem. É ótimo ver que a mesma vontade que temos de aprender, vocês tem de ensinar.

Julio, Pedrinho e Ana Paula, muito obrigado pela parceria sábado e domingo! Os dois dias foram incríveis e super proveitosos, espero poder escalar com vocês várias e várias outras vezes.

É isso, daqui a pouco to indo lá pra Pedra do Urubu dar uma treinadinha =) Abração para todos!

Exposição Fotográfica

Renato José Sobral Pinto

Para os meses de janeiro até março de 2011, o nosso sócio-fotógrafo SOBRAL PINTO, a pedidos, tornará a exibir em nossa sede social, fotos de uma montanha muito querida pelo CERJ, a conquista do Pico Itabira (nome indígena: Pedra Empinada), localizada na cidade de Cachoeiro do Itapemirim (nome indígena: Iage pequena), no Estado do Espírito Santo, com a altitude de 540 metros.

Essa conquista do CERJ ocorreu na data de 22 de junho de 1947, pelos associados: Silvio Mendes, Júlio Maria Veiga de Freitas, Reinaldo Bhenken.

Esta exposição fotográfica é composta de fotos do próprio "Sobral" que as tirou de sua base (não escalou) e de nosso colega do clube co-irmão CEB, Pedro Bugim, que tornou a escalar o Itabira na data de 15 e 16 de setembro de 2003, auxiliado pelos

seus colegas de clube Antonio Dias, Eval Egito e Zozimar Moraes.

É uma montanha imponente, pois a mesma se encontra no meio de um semi-planalto e perto do centro da cidade de Cachoeiro do Itapemirim.

Nesta exposição, podemos também admirar uma cópia Xerox do Jornal A Noite, editado na cidade do Rio de Janeiro, datado de 29 de setembro de 1947, publicando com diversas fotos, o grande feito dos alpinistas do CERJ.



Direito Autoral e Pluralidade de Estilos

Os montanhistas não são iguais. Não só em relação à aparência física, força muscular ou habilidade técnica – cada um tem uma forma peculiar de enxergar o mundo. E isso depende não apenas dos órgãos de sentidos, mas também de todas as experiências, crenças, valores, atitudes e cultura que se adquirem na vida.

Não é à toa que existem tantas formas distintas de esportes de montanha. Algumas valorizam o aspecto de cinestesia, habilidade, técnica e força, procurando minimizar artificialmente os perigos objetivos. Outras dão mais importância ao lado da aventura e enfatizam a capacidade de planejamento e organização, a velocidade de progressão e fuga, a resistência ao estresse, a tolerância ao risco e à exposição, valendo-se mais de habilidades pessoais dos praticantes para redução do risco do que de artificios tecnológicos.

A opção por uma ou outra, ou mesmo por um sem número de formas intermediárias, cabe exclusivamente ao indivíduo. Cada um escala por uma razão específica, aproveitando a montanha de uma forma bem pessoal. Cabe ao montanhista escolher o desafio apropriado, não só às suas habilidades, mas também à sua visão de mundo, à sua capacidade de suportar o risco e ao seu desejo de aventura.

O montanhismo mundial e em particular, o Brasil, adotaram o direito autoral como forma de assegurar a pluralidade de estilos. Essa opção foi feita visando a um equilíbrio entre as diversas formas de conquistar e escalar e para evitar que um determinado estilo prevaleça sobre os demais. Os montanhistas entendem que cada um deverá praticar a escalada que achar mais adequada ao seu gos-

to. Desta forma, faz-se necessária a existência de vias de escaladas dos mais variados tipos.

O presidente da União Internacional de Associações de Alpinismo - UIAA, o escalador inglês Ian MacNaught-Davis, remeteu para uma recente Assembléia Geral da entidade uma carta contendo uma série de questões a serem debatidas ou respondidas, conforme o caso. Como resultado desta Assembléia, surgiu o livreto "To Bolt or Not to Be", cujo texto principal, em inglês ou em português, pode ser encontrado no site da FEMERJ (http://www.femerj.org/documentos/recomend_uiaa_port.pdf). Neste texto, onde é expressa a opinião oficial da mais elevada organização do nosso esporte e cuja leitura recomendamos a todos os interessados no tema, a UIAA deixa bem claro ser totalmente favorável à pluralidade de estilos na escalada, bem como ao respeito à vontade do conquistador.

A ética no montanhismo consiste, portanto, em reconhecer e respeitar a diversidade de formas de se curtir a montanha. Ninguém deve querer impor aos outros o nível de proteção que considera adequado, tampouco a sua filosofia de segurança, pois a pluralidade de estilos é uma das maiores riquezas dos esportes de montanha.

Feitos estes breves esclarecimentos, reiteramos estar, como sempre, abertos a qualquer debate, inclusive através de nossa lista de discussões na internet, onde muitos assuntos relevantes já foram abordados. Em nosso *site* encontram-se as dicas de como entrar para aquela lista, cujo acesso é livre e gratuito.

Diretoria - FEMERJ



CERJ – ASSEMBLÉIA GERAL - CONVOCAÇÃO

O Presidente do Centro Excursionista Rio de Janeiro, em conformidade com os seus Estatutos, **CONVIDA** a Diretoria, o Conselho Fiscal e **CONVOCA** os seus associados e Conselheiros a reunirem-se em sessão ordinária no dia 27 de janeiro de 2011, quinta-feira, às 19:30 horas, em primeira convocação, e às 20:00 horas, em segunda e última convocação, com qualquer número de presentes, em sua sede social à Avenida Rio Branco, 277/805, para:

- 1) Tomar conhecimento do parecer do Conselho Fiscal sobre o movimento financeiro relativo ao exercício do ano de 2010;
Ouvir exposição de cada Departamento sobre os trabalhos realizados durante o ano de 2010;
Votar em propostas de interesse do CERJ.

Relembra-se que, de acordo com os Estatutos:

- a) A Assembléia Geral será constituída de todos os sócios que estejam em pleno gozo de seus direitos civis e sociais;
- b) São membros do Conselho Deliberativo os maiores de 18 anos que sejam:
 - Sócios fundadores;
 - Sócios beneméritos;
 - Sócios proprietários adquirentes de título até 1982;
 - Sócios proprietários adquirentes de título a partir de 1983 em dia ou com até 12 taxas de manutenção em atraso;
 - Sócios contribuintes eleitos na reunião da Assembléia Geral de 15 de março de 2007 que estejam em dia ou com até 03 taxas de manutenção em atraso;
- c) Os membros do Conselho que ocupem qualquer cargo da Diretoria ou do DT, são considerados licenciados durante o exercício do cargo;
- d) Os membros da Diretoria e do Conselho Fiscal poderão assistir à reunião do Conselho deliberativo, não tendo, porém, direito a voto;
- e) O Conselheiro contribuinte que faltar à 2 reuniões consecutivas perderá automaticamente o mandato, salvo motivo justificado.

Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 2010.

GUSTAVO IRIBARNE
Presidente do Centro Excursionista Rio de Janeiro



Galera do CERJ...



FELIZ 2011 !!!

Centro Excursionista Rio de Janeiro

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Sede Própria: Av. Rio Branco, 277/805
Edifício São Borja – 20047-900
Rio de Janeiro – RJ

Tel: 0 xx 21 2220-3548

WWW.cerj.org.br

Cerj@cerj.org.br

Reuniões sociais:

Quintas-feiras a partir das 20 horas